

FOLHA LITERÁRIA

Informativo da Fundação Pedro Calmon, n.º 06 - Ano 01 / 13 de Maio de 2007

LETRAS DA LIBERDADE

Foto: Cortesia Elisa Larkin Nascimento



*Foto Reprodução: Jader Nicolau Jr.



À esquerda: **Abdias do Nascimento, interpreta Othelo, de Shakespeare, Teatro Fenix, Rio de Janeiro, 1949.**

*Em entrevista concedida ao Portal Afro, 2001 (www.portalafro.com.br)

Há quem diga que o escritor que denuncia o racismo e o enfrenta através de suas palavras, já está ali e agora, fazendo literatura negra. O 13 de maio é lembrado nesta Folha Literária desta forma: com a arte dos literatos negros, homens e mulheres. O que chamamos de Literatura Negra tem, dentre seus principais representantes no país, os escritores Domingos Caldas Barbosa, Cruz e Sousa, Luiz Gama, Lima Barreto, Lino Guedes, Solano Trindade, Oswald de Camargo, Eduardo de Oliveira, Abdias do Nascimento, Luiz Silva (Cuti) e muitas outras estrelas literárias negras. Esta resistência nos versos e na prosa foi influenciada em seus variados aspectos pelas ações do Movimento de Renascimento Negro (Harlem Renaissance) surgido nos Estados Unidos, nas décadas de 1920 e 1940 e pelo Movimento da Negritude (Negritude), liderados por Senghor, Pamas e Césaire.

Reivindicando respeito e igualdade, estes movimentos passaram a agir diretamente na produção cultural e literária, inspirando escritores, poetas e intelectuais negros por todo o mundo. Seja na França, nos Estados Unidos, ou no Brasil, as ideologias se unem na arte, propondo a “reafricanização” através de versos e prosas.

AUTOBIOGRAFIA

Abdias do Nascimento

EITO que ressoa no meu sangue
sangue do meu bisavô pinga de tua foice
foice da tua violação
ainda corta o grito de minha avó
LEITO de sangue negro
emudecido no espanto
clamor de tragédia não esquecida
crime não punido nem perdoado
queimam minhas entranhas
PEITO pesado ao peso da madrugada de chumbo
orvalho de fel amargo
orvalhando os passos de minha mãe
na oferta compulsória do seu peito
PLEITO perdido
nos desvãos de um mundo estrangeiro
libra... escudo... dólar... mil-réis
Franca adormecida às serenatas de meu pai
sob cujo céu minha esperança teceu
minha adolescência feneceu
e minha revolta cresceu
CONCEITO amadurecido e assumido
emancipado coração ao vento
não é o mesmo crescer lento
que ascende das raízes
ao fruto violento
PRECONCEITO esmagado no feito
destruído no conceito
eito ardente desfeito
ao leite do amor perfeito
sem pleito
eleito ao peito
da teimosa esperança
em que me deito

Buffalo, 25 de janeiro de 1979.

DESTAQUES

Lima Barreto em Destaque.
Págs. 2



Quartinhos de Aruá.
Pág. 3



Ações da Fundação Pedro Calmon.
Pág. 4

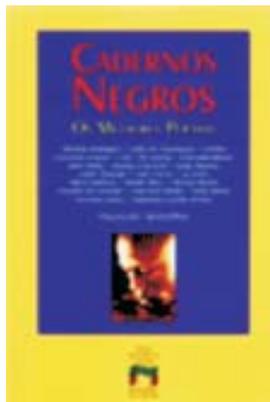
Editorial

Ubiratan Castro de Araújo

Diretor Geral da Fundação Pedro Calmon

O 13 de Maio de 1888 é uma data que demarca a História do Brasil. Antes, foram 388 anos de escravidão, durante os quais todas as estruturas econômicas e sociais apoiavam-se sobre a propriedade privada de pessoas, os africanos e seus descendentes, por parte de colonizadores europeus e seus descendentes. Depois, tem sido 119 anos de uma sociedade em que se reconhece a liberdade e igualdade formal de todas as pessoas. No entanto, nesta mesma sociedade, construíram-se solidamente profundas desigualdades de acesso aos haveres, poderes e prestígios, tendo como principais desfavorecidos aqueles que construíram a riqueza dos outros com o seu trabalho. Como data de ruptura, ela significa a culminância de um processo de ampla mobilização social e política que acabou a escravidão e trouxe consigo as reivindicações e projetos de uma sociedade mais justa, e ao mesmo tempo a revolta diante da frustração da esperança.

A literatura reflete este clamor da cidadania negra, logo após a escravidão, através do texto vibrante e do destino pessoal trágico de Lima Barreto, excluído e destruído pela república do país dos Bruzundangas, nome dado por ele ao regime político oligopolizado pelos descendentes dos antigos escravistas. A literatura é também a linguagem pela qual brasileiros negros apresentam sua plataforma política de superação das desigualdades e de erradicação do racismo. De Abdias do Nascimento às Quartinhas de Aruá, passando pelo Quilombohoje, os cidadãos negros contemporâneos expressam a sua revolta pós-abolicionista. Este número da Folha Literária, na ocasião dos 119 anos da Abolição, buscou homenagear esta expressão de literatura de combate pela igualdade.



LIMA BARRETO

Florentina da Silva Souza

(Dra. em Estudos Literários e prof. de Literatura da Ufba)

**Mas a liberdade que desce à praça
Nos meados de maio
pedindo rumores,
é uma senhora esqualida, seca, desvalida
e nada sabe de nossa vida.**

Oswaldo de Camargo

Na contemporaneidade, as datas podem funcionar como pretexto para que os fatos e suas interpretações sejam reavaliados e reconsiderados a partir de olhares e repertórios outros que não os hegemônicos. Acontece isto com a data 13 de maio. Em 13 de maio de 1811 nascia um dos grandes escritores brasileiros, famoso por sua perspicácia na representação dos indivíduos que circulavam nas feiras e mafuás, na representação das tensões, conflitos, preconceitos, alegrias e sonhos vivenciados por eles. Importante ainda na crítica ácida que faz aos costumes, às vidas política e social do Brasil que se iniciava no regime republicano e importante ainda para entendermos, no campo da literatura, os modos como são engendrados os rituais de consagração para constituir-se o cânone literário brasileiro.

Para além da coincidência de ter nascido no dia e mês em que foi assinada a Lei Áurea, Lima escreve bela crônica intitulada Maio, na qual registra a sua memória das comemorações de 1888, então com 7 anos de idade e já órfão de mãe. E aos 30, já conhecendo não só o horror e a injustiça do racismo, compõe um texto em que recupera o seu lugar de espectador, com uma diferença: quando criança, ele era o espectador dos discursos proferidos por outros, agora, militante, ele compara na crônica a leitura da criança de 7 anos e a leitura do homem. A idéia de liberdade lida e incorporada pela infância - "Vou dizer a papai que não quero voltar mais ao colégio. Não somos todos livres?" É contraposta à reflexão adulta: "Mas como estamos longe de ser livres".

Lima Barreto é obrigado a enfrentar na pele as contradições de uma liberdade teórica e constrangida que produzem as angústias do personagem Isaías Caminha e que se reconfiguram nos contextos contemporâneos de exclusão étnico-racial. As impressões causadas pelo estudo da escravidão são de tal ordem que ele promete, no seu Diário Íntimo, escrever a história da escravidão no Brasil, não a escreve, mas apresenta em seus textos retratos literários dos modos como vivem e são 'recebidos' pela sociedade livre os cidadãos afrodescendentes. Aliás, ele, Cruz e Souza, Rebouças e Patrocínio, juntamente com milhares de outros homens e mulheres vão perceber no cotidiano pós-Abolição as facetas sempre reconfiguradas do processo de exclusão dos afrodescendentes no Brasil.

Afonso Henriques de Lima Barreto, cronista, jornalista, escritor morre no dia 1 de novembro de 1922. O "mulato livre e pobre", como ele se define, não teve seus livros considerados pela crítica de sua época, não ingressou na Academia de Letras, mas desde os finais do século XX vem sendo canonizado por setores da academia universitária interessados em relativizar os autoritarismos de alguns cânones.

¹ No mesmo ano, nasce João do Rio, outro escritor mulato, cronista do Rio de Janeiro e que ingressa na Academia tornando-se o primeiro escritor mulato homossexual a ter prestígio.

Ufba adota literatura negra nos Vestibulares 2008 e 2009

Os jovens que prestarão vestibular em 2008 e 2009 na Ufba terão, dentre as obras indicadas para leitura, a coletânea "Cadernos Negros Melhores Poemas", que reúne poemas de escritores negros por todo o país. A obra contém trabalhos publicados nos volumes 1 ao 19 da coleção Cadernos Negros, organizada pelo Grupo Quilombohoje (SP). Em 2007, o Grupo comemora 30 anos de ininterruptas edições de poemas e contos escritos por autores negros brasileiros. De acordo com a mestra em Teoria da Literatura pela Universidade Federal da Bahia e incentivadora desta iniciativa para o Vestibular, prof^a. Eneida Leal Cunha, a inclusão da obra é mais do que justa. "Por que não? Em 5 linhas, só cabe dizer que a indicação é coerente com as diretrizes do Departamento de Letras Vernáculas para o programa do vestibular: Escolher obras literárias que dêem expressão à diversidade histórico-cultural e estética da Literatura Brasileira (ou das literaturas em língua portuguesa), privilegiando temáticas de interesse contemporâneo e com maior potencialidade para sensibilizar, cativar (e "instruir") leitores jovens. É preconceituosa qualquer cogitação de que a coletânea não satisfaz essas diretrizes ou de que precisaria de uma justificativa diferencial, específica, para sua inclusão", apontou.

Foto: Divulgação



Lima Barreto

A PALAVRA NEGRO

Cuti

(www.luizcuti.silva.nom.br)

A palavra negro
tem sua história e segredo
veias do São Francisco
prantos do Amazonas
e um mistério Atlântico

A palavra negro
tem grito de estrelas ao longe
sons sob as retinas
de tambores que embalam as
meninas
dos olhos

A palavra negro
tem chaga tem chega!
tem ondas fortesuaves nas
praias do apego
nas praias do aconchego

A palavra negro
que muitos não gostam
tem gosto de sol que nasce

A palavra negro
tem sua história e segredo
sagrado desejo dos doces vãos
da vida
o trágico entrelaçado
e a mágica d'alegria

A palavra negro
tem sua história e segredo
e a cura do medo
do nosso país

A palavra negro
tem o sumo
tem o solo
a raiz.

*CUTI. Flash crioulo sobre o
sangue e o sonho. Belo
Horizonte : Mazza Edições,
1987 (poemas). 60p.*

A **Folha Literária** é um informativo produzido pela Assessoria de Comunicação da Fundação Pedro Calmon / Secretaria da Cultura da Bahia
Diretor Geral (FPC): Ubiratan Castro de Araújo / Diretor Geral (EGBA): Hélio Marcio da Silva Carneiro
Jornalista Responsável: André Luís Santana (DRT BA 2226) / Arte e Diagramação Lucas Queiroz / Textos: Jamile Menezes e André Luís Santana
Praça Thomé de Souza - Palácio Rio Branco - Salvador / www.fpc.ba.gov.br / e-mail: ascom@fpc.ba.gov.br / Tel.: 3116-6918 / fax.: 3116-6914

Quartinhos de Aruá: um encontro negro na poesia

O Projeto “Quartinhos de Aruá” teve início em 2005 e, desde então, toda última quarta-feira de cada mês, promove encontros literários entre o público e autores negros baianos. Os Encontros, realizados na Casa de Angola (Baixa dos Sapateiros), são abertos a todos que apreciam a poesia afro-brasileira. O público também pode participar recitando poemas próprios ou de outros autores. No último dia 29 de março, o público pôde participar do lançamento do Volume 29 da série Cadernos Negros, do Grupo QuilombHoje.

Foto: Luiz Henrique - ASCOM/FPC



“Cadernos Negros - Poemas Afro Brasileiros”, nº 29, lançado nas Quartinhas em 28/3.

Foto: Luiz Henrique - ASCOM/FPC



O “Quartinhos de Aruá” reúne de crianças a adultos em homenagem à poesia negra.

TREZE

Limeira
(jclimeira@uneb.br)

VENTANIA, BRISA

Urânia Munzanzu
(nanagotime@yahoo.com.br)

Quando se pensa improvável: ela chega!
Quando parece que ela está: já se foi...
Oyá, como ventania levou pra longe minha dor.
Iansã cuidou de mim, curou minha lepra!
Quando ninguém me queria, Oyá me tomou nos braços...
Por Iansã dobro meus joelhos, me calo!
Oyá é ventania que espalha
Oyá é vento que junta!
Oyá como minuano, soprou sobre mim seu dom do Balé.
Pra Iansã TUDO!
Iansã guerreou por mim, me ensinou a Ventar...
Com a espada de Oyá dei conta das demandas, venci batalhas...
Por Iansã, TUDO!
Pelas mãos de Calé, conheci meu Zumbi, Omolú!
Oyá me ensinou o Opanijé.
Oyá me ensinou a virar o jogo.
Lalú, abre caminho que lá vem Oyá.
Huntó, Ilú pra Oyá!

Cansado de ser servido,
em prantos regados de cor e som
para comensais risonhos,
que dilaceram nossos valores,
com os dentes afiados.
Quero agora, no momento lúcido
gritar o necessário fato,
de que os treze ou treze
não nos diz nada além
do que vocês, caros convivas,
querem mostrar, encobrir, ostentar.
Criaram fotos coloridas,
comemorações festivas,
toques de tambores e atabaques,
para mostrar que somos
livres, felizes, e aceitos.
Tolas mentiras!
somos sim:
lascas de suor,
cortes de chicotes,
cheiro de fogueira
entradas de serviço.
Precisamos fazer algo sim
para que ao invés
do paternalismo brutal
da gentil princesinha
haja a liberdade
de podermos realmente
abrir a porta desta senzala
para fazer a festa da cor real
do som dos atabaques
de danças e corpos
que rasgarão a noite,
os tempos
no verdadeiro canto
da ABOLIÇÃO que ainda não houve.

(De O Arco-Íris Negro, Rio de Janeiro, 1978.)

AUTO-ESTIMA

Jocélia Fonseca
(jofragrancia@hotmail.com)

A beleza
que nos conduz para a luta
é a mesma que nos mantém no dia-a-dia.
Como fera de presas saudáveis
a agarrar o que nos é de direito,
tomemos o lugar que é nosso
que nos tomaram sem licença.
Minha licença, agora, será apenas
por uma questão de educação ancestral
mas, olharei na tua cara, através de teus olhos
e direi:
- Não mais conduzirá meus anseios, meu amor, minha sorte!
sou dona dos meus belos cachos, da minha pele cor de noite
e do meu nariz.
Esse nariz que não passa nos moldes que inventaram padrão
Vá se chatear você
quando me ver passar com um belo sorriso largo nos meus lábios largos.
senhores opressores, senhores racistas
e pré-conceituosos da minha vida:
Vá você se inferiorizar, vá você se deprimir
por que eu vou andar nas ruas
como se fossem passarelas a receber
essa Rainha Negra.

Z DE MAIO

Landê Onawale
(landeonawale@yahoo.com.br)

Cravamos um sol
bem no meio do outono!
E afugentamos, sem pena,
aquela pálida sombra.
Agora, há uma letra a mais
em maio:
um fonema imprescindível,
como o grito.

Acontece

Memória do Desenvolvimento

Com o intuito de resgatar uma época de grande desenvolvimento na Bahia, o projeto Memória do Desenvolvimento (1945 - 1964) vem promovendo Conferências sobre diversos aspectos da vida baiana daquele período. No último encontro, o público assistiu à palestra “Teatro em baianês”, com a dramaturga e escritora Aninha Franco. A próxima será no dia 14, segunda-feira, às 15h, com o reitor da Ufba Naomar de Almeida, abordando o tema “Anísio Teixeira e a Universidade”. As palestras são gratuitas e acontecem no Palácio Rio Branco (Praça Municipal).



Em sua palestra, Aninha Franco resgatou o nascimento do Teatro na Bahia.

Biblioteca Pública comemora 196 anos de saberes

A primeira biblioteca pública do Brasil e da América Latina foi idealizada por Pedro Gomes Ferrão Castello Branco e fundada em 13 de maio de 1811, pelo 8º Conde dos Arcos. A Biblioteca Pública do Estado da Bahia funcionou durante 108 anos na antiga Livraria dos Jesuítas na Catedral Basílica no Terreiro de Jesus. Em 1912, no bombardeio que sofreu a cidade do Salvador, a Biblioteca foi destruída, o que resultou na construção da sua primeira sede na Praça Tomé de Souza, inaugurada em 1919. Entretanto, a necessidade de um espaço mais amplo e adequado para melhor atender os usuários, determinou a construção de um novo prédio nos Barris, inaugurado no dia 5 de novembro de 1970.



Aberta ao público de segunda à sexta, das 8h30 às 21h e sábados das 8h30 às 12h.

Conversando com a sua História

A história baiana é tema dos cursos “Conversando com a sua História”, realizados pelo Centro de Memória da Fundação Pedro Calmon. Os cursos tiveram início no dia 8/05, com a palestra do historiador Ubiratan Castro de Araújo. O projeto ocorre todas as terças-feiras, às 17h e é aberto à participação do público. Nesta terça, 15, a professora Lizir Arcanjo abordará o tema: “Reação baiana à centralização cultural no Império”. Interessados podem se inscrever pelo telefone (71)31166930, ou presencialmente, na ocasião.



Diretora do Centro de Memória, Consuelo Novais inicia o “Conversando com sua História” de 2007.

Arquivistas e gestores debateram políticas para o setor na Bahia

De 25 a 27 de abril, gestores, pesquisadores, estudantes e profissionais de Arquivo se reuniram no III Encontro Baiano de Arquivos Municipais (EBAM) e I Simpósio Baiano de Arquivologia (SBA). Foram realizados cursos, debates e palestras no Palácio Rio Branco. O SBA e o EBAM foram organizados pela Fundação Pedro Calmon e a Associação de Arquivistas da Bahia (AABA).



O III EBAM contou com a presença do diretor-geral do Arquivo Nacional, prof. Jaime Antunes da Silva, do secretário de Cultura do Estado, Marcio Meirelles, o diretor da Fundação Pedro Calmon, Ubiratan Castro, e a diretora do Arquivo Público da Bahia, Dra. Maria Tereza Matos, dentre outras autoridades.